

# A forma na poesia de Affonso Ávila

Cláudio Nunes de Moraes\*

## Resumo

Este artigo, partindo de uma análise de certos elementos da poética de Affonso Ávila, tem como objetivo apontar a importância da forma na leitura dessa poesia.

Palavras-chave: Affonso Ávila, Poesia brasileira, Forma.

O tema que escolhi para a minha participação nesta mesa-redonda sobre Affonso Ávila seria matéria para um livro; sim, para todo um livro. No entanto, e buscando ser o mais claro possível, pretendo abordar de maneira informal e muito resumida o assunto.

E, ao iniciar o meu comunicado neste encontro em homenagem a Affonso, eu me sinto, de fato, prestando uma espécie de “homenagem”, de velha amizade e afetuosa admiração, ao nosso poeta, a um querido e saudoso poeta e amigo e, assim, escolhi o tema da forma na sua poesia, pois ele gostava muito da forma.

Esclareço que era antiga a nossa amizade: conheci Affonso Ávila – amigo de juventude de meu pai, inclusive – e frequentei a sua casa desde os meus vinte anos de idade. Em vista disso, e como já frisei nas primeiras palavras desta comunicação, eu não pretendo, nesta noite, falar de uma maneira, digamos, “sisuda”: sei que estamos diante de uma homenagem, com seu lado “técnico, literário” – o que é óbvio, mas também vivemos um momento delicado, de muitas lembranças agradáveis, porém de muita saudade e, por esse motivo, eu gostaria de “confessar” que pretendo fazer da minha fala apenas uma simples homenagem, apenas uma singela homenagem, guiada pela descontração e pela naturalidade, incluindo aí a palavra “improvisado”.

---

\* Poeta, tradutor literário e músico, autor do livro de poesia **Arte menor**, publicado pela Editora Rona em 2012 e premiado pelo Programa Petrobras Cultural, edição 2010.

Affonso Ávila é autor de uma das obras mais consistentes e importantes da poesia contemporânea brasileira, “poeta atentamente situado em seu tempo”, como bem escreveu Júlio Castañon Guimarães na apresentação do livro **Poeta poente** (ÁVILA, 2010), penúltimo volume de poemas do trabalho de Affonso.

E Benedito Nunes, em um texto que abre a poesia reunida de Affonso Ávila, nos diz que Affonso “exaltou o valor das formas tradicionais, principalmente o soneto, que [o poeta] largamente utilizaria em toda a sua carreira”. (ÁVILA, 2008, p. 26).

Tive o prazer de conhecer Benedito Nunes uma noite na casa de Affonso Ávila, e esse trecho de Benedito é absolutamente fiel ao meu pensamento a respeito do “valor das formas tradicionais” na poesia de Affonso. Os dois primeiros livros de poemas de Affonso Ávila, ambos de 1953, são livros de sonetos. E essa minha afirmação se baseia em um motivo muito simples: o primeiro desses livros, intitulado **O açude**, contém dezenove poemas, e apenas cinco deles não têm a forma do soneto, enquanto no segundo todas as suas vinte peças são sonetos, daí o seu título, **Sonetos da descoberta**. Quanto ao último volume de poesia de Affonso, ora, esse livro se chama **Égloga da maçã**. (ÁVILA, 2012). Conclusão: como não concordar com Benedito Nunes, quando ele afirma que Affonso Ávila “exaltou o valor das formas tradicionais”?

Para mim, Benedito está corretíssimo, pois, ao pronunciar a tradicionalíssima palavra égloga, o primeiro nome que me vem à cabeça é o do célebre Camões, isso mesmo, Luís de Camões, que compôs várias églogas.

Pois bem: como este meu comunicado não se dirige somente a especialistas em Literatura, quero “aclarar” que os sonetos de Affonso Ávila são bastante diferentes dos de Olavo Bilac e seus confrades, assim como o livro **Égloga da maçã** é muito diferente das églogas de Camões & cia. – como já dissemos, Affonso é um poeta que sempre pertenceu ao seu tempo.

E faço, agora, a todos e a todas, um convite, o de abrirmos o último livro de Affonso Ávila, a **Égloga da maçã**, para examinarmos um pouco da forma de sua poesia.

Trata-se de um volume composto de quarenta partes, ou quarenta peças, e todas contêm, da primeira à última, dez versos, e sempre (sempre) com o seguinte esquema rímico: o primeiro verso rima com o segundo; o terceiro rima com o quarto; o quinto, com o sexto; o sétimo, com o oitavo; e, por fim, o nono verso rima com o décimo.

Encontraremos vários tipos de rimas nessas “décimas”, ou peças de 10 versos (ou, ainda, estrofes de um poema longo); sim, encontraremos rimas consoantes

(página 7), teremos rimas elegantemente imperfeitas (páginas 9, 13), veremos rimas raras (exemplos, páginas 17, 27: “laivos-multiplicai-vos, de colheita-de si feita”), etc.

Exemplos de rimas consoantes (trama-chama, água-deságua, sal-mal, procura-cesura):

comer a maçã é sina adâmica  
e após o vogar de eva atlântica  
corpo sereia em canto e trama  
luzir de olhar prístina chama  
peixe e fulgir em surto de água  
reversa ao mar rio em deságua  
onde confluem doce e sal  
a espuma cor de bem e mal  
o gosto nácar da procura  
do que é de sol mangue e cesura  
(ÁVILA, 2012, p. 7).

Mas e as rimas, como eu disse, elegantemente imperfeitas? São elas: “cio-precipício” e “mítica-ofídica”. Vamos ler somente o segundo desses poemas que citamos, contendo essa rima muito elegantemente imperfeita em seus dois últimos versos:

e deglutido o sumo leve  
derrotada a ternura breve  
impostada de voz de orgasmo  
ácido de eflúvio e de pasmo  
descartar os grãos ao delírio  
ao ai ai rumor de cacto e lírio  
e deixá-los brotar semeados  
ao acaso do campo e dos fados  
indecifrável imagem mítica  
genes barro de insídia ofídica  
(ÁVILA, 2012, p. 13).

E, por falar em elegância, Affonso Ávila nos oferece ainda, em três desse poemas, não propriamente rimas, mas jogos sonoros. São eles: *andrógino-androceu* (página 15), *outra-outono* (página 59), *lúmen-sublime* (página 67).

Passemos agora à questão da métrica na **Égloga da maçã**. Affonso escolheu um metro para esse seu livro, uma medida octossilábica, já que todas as quarenta peças (ou partes) do volume são escritas em versos de oito sílabas. Digo isso porque, mesmo que esses poemas contenham quase sempre um (ou mais de um)

verso de nove (ou de sete) sílabas, é nítido, é claro, é cristalino que o metro eleito, escolhido pelo poeta, para a sua égloga, é o octossílabo. O livro nos oferece, inclusive, pelo menos sete poemas, de seus quarenta, que são, ou que podem ser considerados como, legítimas composições escritas inteiramente em versos de oito sílabas, do primeiro ao último. São as peças das páginas 33, 41, 45, 61, 65, 69 e 79. Vamos ler duas delas:

pois amor algum se repete  
primeiro o um sétimo sete  
os sentimentos superpostos  
de nuances sentidos gostos  
ou desafortunado afeto  
penso de erros desafetos  
a ruída ou tensa performance  
do que fora goivos romance  
a que o novo há de urdir-se uno  
de reaplicados alunos  
(ÁVILA, 2012, p. 61).

e ao mais tardar o amor explode  
e já não compõe a antiga ode  
e faz calar o relicário  
de lírico vocabulário  
bloqueou-se a senha do cio  
e a um sopro desbrilhou-se o círio  
descingiram-se mãos anéis  
e o desprezo rasgou papéis  
descoloridos de ontem anos  
descarte de afetos arcanos  
(ÁVILA, 2012, p. 69).

Como se vê, a **Égloga da maçã** é um livro rimado e metrificado, e não um texto escrito em versos livres.

E chegamos, neste momento, a uma conclusão a respeito da forma na poesia de Affonso Ávila. Escolhi como exemplo a **Égloga da maçã** apenas para, didaticamente, mostrar um pouco do que existe nas entrelinhas da poética de Affonso, porque todos, sim, todos os seus livros contêm detalhes interessantíssimos em termos de forma.

“Mas o que quer dizer isso?” – perguntaria alguém. Resposta: quer dizer que Affonso Ávila explorava a forma, preocupava-se com a forma, trabalhava a forma, pois, como já afirmamos, ele gostava da forma, ele valorizava a forma, sempre, sempre valorizou a forma nas suas construções poéticas – desde a escolha do vocabulário (nada sobrando, nada faltando no poema), e passando por outros

detalhes, até a escolha da própria forma do texto. Exemplo do que acabamos de dizer é a primeira parte do livro **A lógica do erro** (ÁVILA, 2008, p. 453), com suas trinta “exaltações ao soneto”, porque é exatamente isso o que nos mostram as primeiras trinta peças do volume, que podem – por que não? – ser vistas como sonetos, não o inglês, nem o petrarquiano: nunca!... Imagina o Affonso fazendo isso àquela altura!? Impossível! Mas sonetos, sim, contendo (todos eles, todos!) catorze versos, divididos em duas estrofes de sete versos. Se não, vejamos:

faça-se

dizer ainda ainda poe-  
dizer ainda ainda poe-  
sia xô ao nunca mais do corvo  
ao ouvido mouco ao estorvo  
das quatro paredes ao fos-  
so medievo da mudez ao os-  
so constringente na garganta

urrando a inanição do canto  
não modulado de aretusa  
ao sopro vão da flauta oclusa  
surdo tilintar de moeda  
voz iníqua do anjo da queda  
eia ao estrelário do reverso  
verse no princípio era o verso  
(ÁVILA, 2008, p. 458)

E eis aí, novamente, a forma na poesia de Affonso Ávila exaltando, ou evocando, o tradicional, sim, nunca aquele poemão em versos livres, espécie de prosa com cortes, mas sempre a forma como criatividade, inovação. E essa exploração da forma é justamente uma das marcas da poesia de Affonso Ávila, característica, traço que não encontraremos em tantos (e tantos!) poetas atuais.

Prosseguindo com nossa leitura, sublinhamos o seguinte: todos os livros de poesia de Affonso Ávila são planejados, e isso aproxima o nosso mineiro de outro grande poeta, o pernambucano João Cabral de Melo Neto, de quem Affonso muito gostava. Tanto Cabral quanto Affonso nunca faziam de seus volumes de poesia uma reunião de bons, ou belos, poemas – seus livros eram sempre planejados, o que não quer dizer que não fossem, também, inspirados.

Buscando, desta vez, arrematar o nosso pensamento sobre a forma na poesia de Affonso Ávila, diremos que já estamos satisfeitos com os exemplos que demos e, dessa maneira, voltamos às palavras de abertura da nossa fala: o tema que escolhemos para a nossa participação nesta mesa-redonda sobre o poeta seria

matéria para um livro inteiro. No entanto, nosso objetivo foi ser o mais claro possível e abordar de maneira informal e muito resumida o assunto.

Affonso Ávila buscava escrever seus livros de poesia como um todo, buscava sempre o que, em poética, chamamos de unidade. Estou certo de que essa preocupação com a unidade em seus trabalhos foi o motivo do que Affonso me disse, e a seu filho Carlos, certa vez em sua casa, em uma das últimas visitas que fiz ao poeta.

E, para finalizar a minha participação nesta mesa-redonda, peço licença a todos e a todas para contar um breve caso sobre o nosso homenageado.

Uma noite, e ontem mesmo (no ano de 2012), conversávamos na residência de Affonso Ávila, no bairro Santo Antônio, Rua Cristina, 1.300; sim, conversávamos: Affonso, seu filho Carlos, também poeta (meu querido amigo-irmão), e eu. A certa altura do bate-papo, eu disse a Affonso que, entre os seus livros, um dos meus preferidos sempre foi o que o poeta chamou de **Masturbações** (ÁVILA, 2008, p. 345). Trata-se de um volume que reúne dez poemas assim intitulados: “por sóror violante do céu”, “por virginia woolf”, “por gertrude stein”, “por tarsila do amaral”, “por patrícia galvão”, “por marilyn monroe”, “por leila diniz”, “por carmen miranda”, “por jacqueline kennedy”, “por betty friedan”. A resposta de Affonso ao meu comentário foi muito interessante. Ele, então, revelou-nos que não gostava do poema “por leila diniz”, porque achava que essa peça destoava das outras composições do livro. Imediatamente discordei, expondo ao poeta os meus motivos e dizendo alguma coisa assim: “Você acha isso? Puxa, mas a Leila Diniz era uma espécie de musa daquela época aqui no Brasil, uma mulher muito bonita e, depois, em termos de linguagem, você pensa mesmo que o poema não combina com os outros?” E, enquanto eu falava, Carlos concordava comigo e completava a minha leitura, a minha opinião. Eis a peça:

por leila diniz

dizer a leila  
diniz  
dispa-se e

disparar  
disposto  
(ÁVILA, 2008, p. 353).

Foi mesmo muito interessante, pois, durante a conversa, eu não notei, mas depois concluí que aquela preocupação do poeta com a unidade do livro talvez fosse uma espécie de teste, uma maneira sutil de conhecer a nossa opinião – do

Carlos e minha – sobre o poema para Leila Diniz. Ou será que Affonso realmente já estava convencido de que, para ele, aquela composição destoava das outras? Só vejo uma resposta: nunca saberemos; infelizmente, nunca saberemos. O certo é que, depois da nossa fala, o poeta sorriu, como se estivesse um tanto satisfeito, e se pronunciou: “Então... se é assim... se vocês acham isso... então, ótimo!” E aí está, como acabaram todos e todas de ouvir, o caso que eu tinha para contar sobre o meu saudoso amigo.

Bom, depois desse caso, acredito que era isso, ou mais ou menos isso, o que eu tinha a dizer nesta mesa-redonda em homenagem ao nosso inesquecível poeta: Affonso Ávila.

## Abstract

This article analyses certain poetical elements in the work of Affonso Ávila and points out the importance of the modes of reading of his poetry.

Key words: Affonso Ávila, Brazilian Poetry, Form

## Referências

ÁVILA, Affonso. **Homem ao termo**: poesia reunida (1949-2005). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

ÁVILA, Affonso. **Poeta poente**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ÁVILA, Affonso. **Égloga da maçã**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2012.

ÁVILA, Affonso. **Homem ao termo**. Poesia reunida (1949-2005). Belo Horizonte: UFMG, 2008.